# Continua a remoção de invasores

**Ana Cristina Gonçalves**

O dia ainda não havia amanhecido quando a secretária de Desenvolvimento Social, Maria do Barro, acompanhada por funcionários da Terracap e Secretaria de Segurança Pública, recolheu sete famílias que estavam acampadas na 102 Sul. Elas foram levadas para a Granja das Oliveiras e Centro de Apoio Social (CAS). O local não foi caracterizado como invasão, pois não havia barracos, e sim dormitório para crianças que pedem dinheiro nos semáforos e vigiam carros, e adultos que as utilizam como "meninos de aluguel".

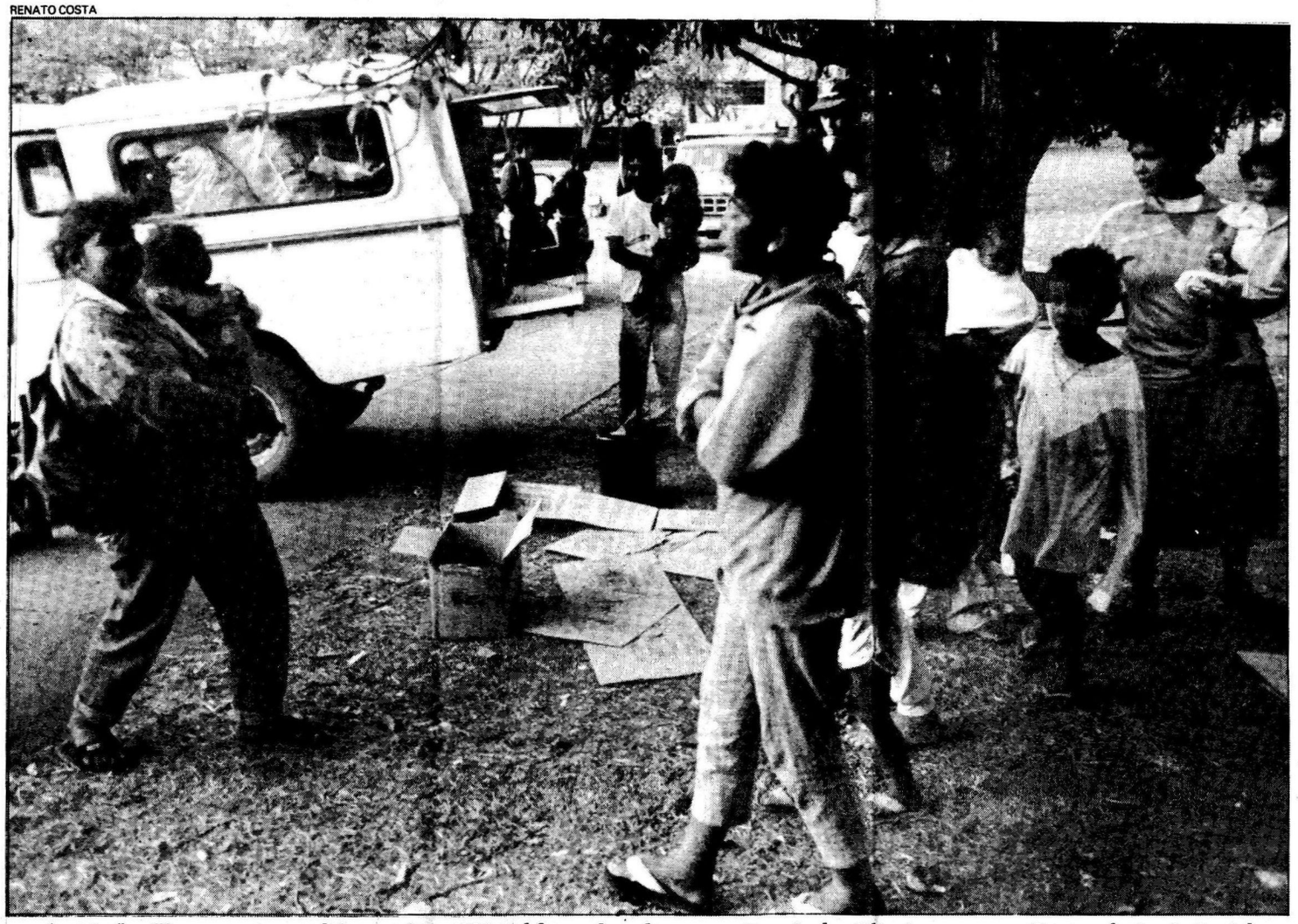
"Vamos intensificar o trabalho à noite e de madrugada para pegar as pessoas que usam esses locais apenas para dormir", explicou Maria do Barro. Assustados com a presença dos funcionários da Terracap, Fundação do Serviço Social e policiais, a primeira reação das famílias, principalmente as crianças mais velhas, foi de correr e dizer que não sairiam dali. "Só vou se for para um lote meu, com um teto para minha família", afirmou um dos invasores, Carlos Teixeira dos Santos.

A presença da secretária de Desenvolvimento Social, entretanto, fez com que eles mudassem de opinião, indo para o CAS sem a necessidade do aparato policial. O receio maior de alguns era de que o CAS fosse uma "prisão", com grades que os impedisse de sair e trabalhos forçados para compensar suas estadas no local. "Lá vocês terão toda liberdade, onde o pai e a mãe devem sair para trabalhar, ficando os filhos protegidos por um teto", explicou Maria do Barro, completando que o trabalho no CAS, para os adultos, é de limpeza dos próprios quartos.

**Invasão** —Somente na 102 Sul, as sete famílias estavam há um mês, sendo que apenas uma havia chegado recentemente do Amazonas. Mas, segundo eles, tem pelo menos quatro meses que estão trocando de "dormitório", passando pela Igreja Dom Bosco, comércio local da 302 Sul, indo finalmente para a praça onde foram encontrados. "As pessoas se incomodam muito com a gente, e então temos que mudar de lugar", explicou Ronaldo Goldinho. A posição da comunidade local, na opinião da secretária de Desenvolvimento Social, é paternalista.

"Eles reclamam muito dos meninos de rua, e até de seus pais, mas ficam dando comida para eles", afirmou Maria do Barro. Para ela a saída não está em alimentar os mendigos ou invasores que moram em barracos pela cidade, "mas sim unir a nós para estudar caso a caso e resolver o problema". Dizendo conhecer algumas das famílias há alguns anos, a secretária de Desenvolvimento Social informou que a maioria dos adultos são trabalhadores, "mas optam por uma vida fácil de sair pedindo comida nas casas e colocar os filhos para vigiar carros e sustentá-los", concluiu.

RENATO COSTA



*As sete famílias que estavam há um mês na 102 Sul foram levadas para a Granja das Oliveiras e para o Centro de Apoio Social*